

LUIS HUMBERTO:

Ele se despede da FCDF e rebate críticas

Durante a última entrevista coletiva como diretor-executivo da Fundação Cultural do DF, na qual fez um rápido balanço da sua administração, o fotógrafo Luis Humberto de Miranda disse que todos têm direito de promover mudanças, mas que o governador José Aparecido cometeu uma indelicadeza ao exonerá-lo, aproveitando a sua ausência em Brasília. "Não sou apolítico, mas não estou vinculado a nenhum partido. Dessa maneira é muito difícil alguém sobreviver à frente de um órgão público num ano eleitoral", complementou.

Quanto aos comentários de que a sua exoneração estaria vinculada a uma antipatia pessoal do Governador, Luis Humberto afirmou que a sua relação com José Aparecido estava num bom nível, tendo conseguido superar algumas dificuldades iniciais. "Não tenho a menor idéia dos motivos que levaram o Governador a assinar a minha exoneração. Deve ter sido um ato intempestivo".

Luis Humberto rebateu também algumas críticas dirigidas à sua administração. A primeira delas refere-se ao projeto "Fala, Brasília", que levou ao Rio de Janeiro vários artistas brasilienses para mostrar os valores culturais da cidade, promover relações de troca e abrir o mercado nacional aos valores locais. "A imprensa comentou que o "Fala, Brasília" nada mais era do que férias coletivas da Fundação no Rio de Janeiro — disse Luis Humberto — mas a nossa equipe viajou de ônibus e trinta integrantes da caravana viajaram por conta própria. No Rio conseguimos também patrocínio da Souza Cruz, Sul América e IBM para vários projetos, sendo que a IBM vai oferecer instrumentos novos para a Orquestra Sinfônica".

Em relação às críticas de que a Fundação Cultural promoveu poucos eventos durante o verão, Luis Humberto disse que, apesar da Fundação ter aproveitado o pouco movimento na cidade para realizar manutenção de salas e equipamentos, participou do Seminário da Escola de Música e a programação dos cinemas e do Centro de Criatividade permaneceu inalterada. No Cine Brasília, por exemplo, a programação estava boa,

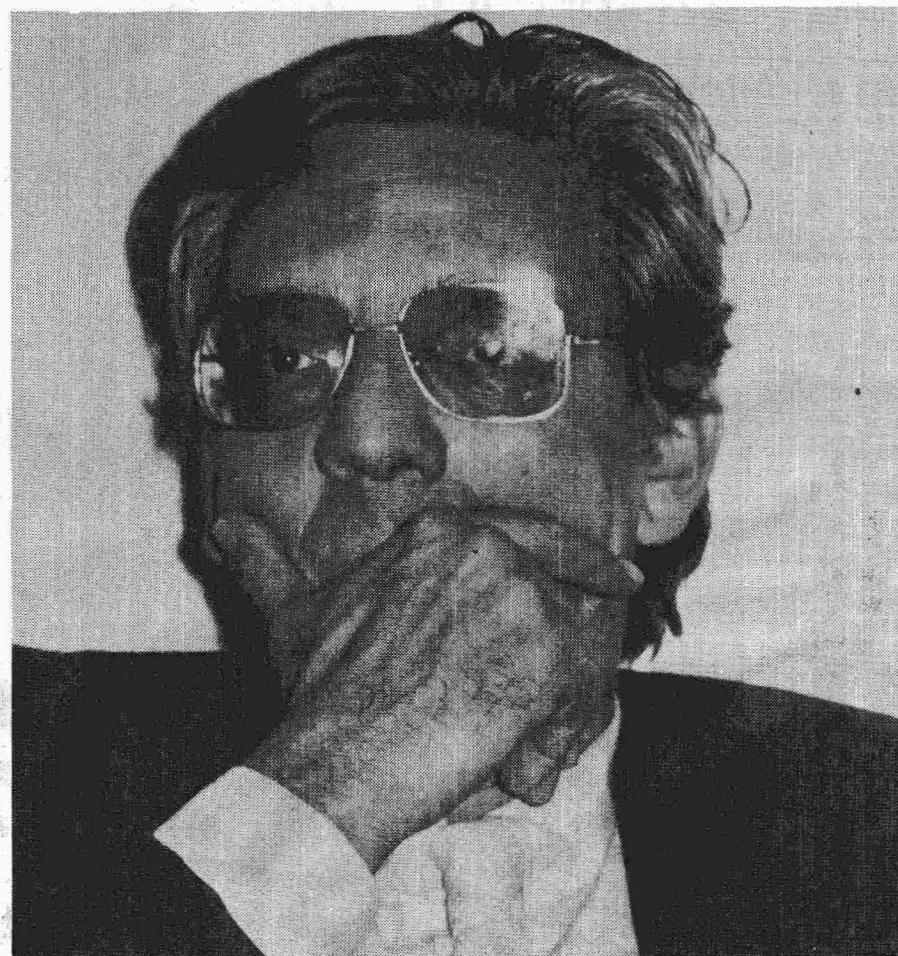
mas a frequência caiu assustadoramente.

"Muitos artistas, grupos, empresas públicas e privadas me criticaram pelos critérios adotados para a ocupação das salas administradas pela Fundação. Contudo, os critérios têm que existir, porque os teatros são patrimônio público e não devem servir a interesses pessoais. Não basta querer para usar as salas; é preciso que se apresente um bom trabalho. Por outro lado, jamais tomei decisões pessoais de ceder pauta a quem quer que seja. Todas as decisões foram tomadas pelo Conselho Deliberativo do órgão".

Outro aspecto que Luis Humberto fez questão de frisar foi o fato de ter trabalhado sem dinheiro. Quando assumiu o cargo, em abril de 85, encontrou apenas 2/3 do orçamento anual. Não foi bem nos pedidos de complementação orçamentária até que a imprensa anunciou que o TNB estava prestes a desabar. Ai, então, o GDF liberou verbas para a recuperação do Teatro.

Nos dez meses da administração Luis Humberto, a Fundação Cultural trabalhou em regime de participação comunitária. Prova disso são os diversos projetos desenvolvidos nas cidades-satélites, quando a Fundação oferecia uma base de trabalho, a ser desenvolvida por cada comunidade. Não foi um trabalho de imposição cultural — comenta Luis Humberto — mas um assessoramento e um apoio para que cada grupo aprontasse o que mais lhe convinha. Outros exemplos de administração participativa foram o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, o I Encontro de Cineclubes do Centro-Oeste e o apoio emprestado aos cineclubs brasilienses, que obtiveram da Fundação assessoramento, orientação e apoio material.

Entre os projetos mais importantes desenvolvidos pela Fundação Cultural nos últimos 10 meses, Luis Humberto citou o "Cara a Cara", com 67 eventos que permitiram a reabilitação da discussão em Brasília; o "Jogos de Cena", envolvendo pessoas ligadas aos processos cênicos; a Feira de Música, a reabilitação ao Concerto Cabeças, a recuperação das atividades do Centro de Criatividade, a projeção



do Museu de Arte de Brasília, gestões para a recuperação do Planetário, o Seminário de Fotografia do Centro-Oeste, com custo zero, o Festival de Cinema, o I Encontro de Cineclubes e os encontros de organizadores e produtores cinematográficos.

Outras atividades importantes foram a criação do Núcleo de Vídeo, o Encontro Nacional de Escritores, o Oficina de Artes Cênicas, juntamente com o Inacen e o Sarau do foyer do TNB. "Assim", analisa Luis Humberto, "criamos condições para a transformação do conhecimento em Brasília."

Com a saída de Luis Humberto da Fundação Cultural, persiste a sensação de que, no Brasil, de nada vale a

competência técnica. Os critérios políticos assumem posição de destaque, ou melhor, continuam a assumir, enquanto era de se esperar que o Governo que se fizesse exatamente o contrário.

Enquanto isto, continuam algumas desinformações com respeito ao dia em que toma posse o novo diretor da Fundação Cultural, o poeta e jornalista Reynaldo Jardim. A cerimônia havia sido anunciada para as 15h de ontem, mas não aconteceu nada que mostrasse que Jardim é oficialmente o diretor da FCDF. No entanto, se novamente não forem feitas modificações de última hora, sua posse será às 15 horas de hoje, no Palácio do Buriti.